

Sumário Executivo

O desempenho da economia do Espírito Santo no ano de 2008 deve ser avaliado sob a ótica do agravamento da crise financeira internacional, cujos efeitos se fizeram presentes de forma mais aguda no último trimestre do ano. Os principais indicadores de atividade econômica indicam a aceleração do crescimento verificado em 2006 e 2007 até o terceiro trimestre de 2008. Em meados do referido trimestre, algumas instituições financeiras norte-americanas e europeias se tornaram insolventes, o que intensificou os efeitos da crise de liquidez já anunciada.

Nos países cujos efeitos da crise foram mais intensos, foram adotadas medidas de estímulo ao consumo e incremento da liquidez. O Brasil não foi exceção: desde outubro de 2008, o governo federal tem realizado uma série de ações de cunho fiscal e monetário para atenuar as implicações da crise sobre a economia brasileira. Há, particularmente, a preocupação de compensar o crédito externo, cuja oferta praticamente estancou no final de 2008.¹ Também governos estaduais e municipais vem reagindo à conjuntura adversa.

A intensidade da reversão do cenário, no Brasil e também no Espírito Santo, é digna de nota e não tem paralelo nos registros das séries históricas que retratam a atividade econômica. Os impactos, contudo, tem se revelado relativamente mais severos para o Estado do que para a média do País. Além de perceber os efeitos da inicial escassez de crédito e da deterioração da confiança e das expectativas dos agentes, o Espírito Santo possui uma economia bastante conectada ao comércio exterior. O grau de abertura local, quase três vezes a média do País, é, portanto, o diferencial que explica o efeito relativamente mais contracionista advindo da atual crise.

Até setembro, o comércio exterior vinha crescendo aos saltos no Estado, resultado da inauguração de importantes projetos voltados para exportação e da demanda externa, ainda aquecida. Na média de janeiro a setembro de 2008, comparativamente ao mesmo período de 2007, a alta registrada nos valores exportados em dólares foi de 51%. Por isso, mesmo com a queda brusca na quantidade dos principais produtos da pauta, as exportações capixabas ainda sustentam variações positivas na comparação interanual. No último trimestre de 2008, contra o mesmo período de 2007, as exportações locais apresentaram alta de 36,1%.

O quadro se altera em função da base de comparação. Os valores exportados no quarto trimestre contra o observado no trimestre imediatamente anterior, quando ainda não eram percebidos os efeitos mais severos da crise, revelam declínio de 23% após ajuste sazonal, ante 15% no Brasil.

¹ A convergência de recursos oficiais para compensar os canais de crédito para os grandes exportadores pode contribuir, em alguma medida, para reduzir e/ou encarecer o crédito disponível para pequenas e médias empresas.

Outro fator a considerar no contexto do comércio internacional, não necessariamente ainda observável no conjunto das exportações capixabas, deve ser a acentuada queda (-33,85%) dos preços internacionais de commodities desde julho de 2008. A queda de preços internacionais, por sua vez, poderá ser compensada pela desvalorização cambial (28%) observada no mesmo período. A mudança de preços relativos representa maior potencial de rentabilidade para os setores produtivos mais voltados ao mercado interno.

Diante da intensidade da contração da demanda externa e do curto período de tempo em que ocorreu a reversão do cenário, o setor produtivo reagiu com ajustes de estoques e antecipação de manutenções preventivas. Entre setembro e dezembro de 2008, a queda na produção industrial capixaba foi da ordem de -29%, mais intensa, portanto, que o observado na média da produção industrial brasileira (-20%) no mesmo período.

Pela característica do processo de queda da produção, é possível inferir que a reação à contração da demanda externa foi proporcionalmente mais acentuada no seu momento inicial. Isso porque o ajuste de estoques ocorre tanto por parte dos compradores estrangeiros de commodities aqui produzidas, quanto por parte dos produtores locais. Estes últimos precisaram rever as estratégias de operação por conta de um novo patamar de demanda, inferior ao nível pré-crise, mas ainda desconhecido.

Pesam, neste contexto de revisão de estratégias, as incertezas associadas a um cenário adverso e absolutamente inédito. Eventos como a atual contração de crédito e de demanda são inéditos para as empresas localizadas no Espírito Santo e, muito provavelmente, para os agentes envolvidos no processo decisório associado à crise.

Com curta defasagem, menor que a observada em ciclos contracionistas anteriores, o mercado de trabalho também passou a ser afetado. Em novembro já foi registrado o fechamento de 1,1 mil postos de trabalho. Somente em dezembro, 12 mil postos de trabalho formais foram fechados no Estado, o que representa 30% de todo o contingente de ocupações formais gerado de janeiro a novembro daquele ano, muito acima do padrão sazonal do período. A intensidade do desemprego foi similar à observada na média do País, o que deixa implícita a suposição de que as empresas locais, embora relativamente mais afetadas, estejam empreendendo esforços adicionais para evitar demissões.

Uma estratégia revelada por notícias da imprensa local foi a de dispensar terceirizados e assim sustentar empregos diretos, especialmente nas grandes companhias. Os trabalhadores próprios, neste caso, cobririam as funções terceirizadas na medida em que o menor ritmo de operação já os afastara das suas funções tradicionais. Neste sentido, os trabalhadores mais qualificados mantidos garantiriam maiores ganhos de produtividade no futuro próximo para as empresas, quando o nível de operação retornasse ao patamar de normalidade, depois de empreendido o ajuste de estoques.

A dúvida que permanece, no atual contexto, é em qual momento o nível de ocupação das plantas produtivas irá retornar a um patamar capaz de sancionar ganhos de produtividade ou se, de outro modo, novas dispensas serão necessárias para ajustar o contingente de trabalhadores ao patamar da demanda.

Simultaneamente ao processo de ajuste no mercado de trabalho, a deterioração da confiança dos agentes e as restrições de crédito já afetam o nível de consumo das famílias.

As vendas no varejo capixaba revelam assimetrias na evolução do consumo entre os diversos segmentos analisados. Um conjunto de bens duráveis de menor valor, quais sejam, móveis e eletrodomésticos, obtiveram melhores resultados entre os demais, muito por conta de estratégias bem sucedidas de promoções e liquidações também com vistas à eliminação de estoques indesejados.

Entre os bens semi e os não duráveis, o setor de hiper e supermercados reage coerentemente à baixa sensibilidade da demanda às variações da renda dos consumidores. Ou seja, nos momentos de forte expansão da atividade observada até o terceiro trimestre, as vendas do setor mantiveram-se contidas por conta do surto inflacionário sobre preços de alimentos.² No último trimestre, com a economia já em contração, as vendas caíram relativamente menos quando comparadas, por exemplo, às de bens duráveis. Isso por causa do grau de essencialidade da alimentação no padrão de consumo das famílias.

No segmento de bens duráveis de alto valor, em que se incluem veículos e materiais de construção, a contração foi mais severa. No acumulado do ano, até setembro as vendas de veículos e autopeças acumulavam alta de 44,2% em relação ao mesmo período do ano anterior. No último trimestre e na mesma base de comparação, a variação foi de -0,5%.

No caso do consumo de bens duráveis, é importante lembrar: antes de a crise se pronunciar o Banco Central do Brasil havia promovido um ciclo de contração da política monetária, com vistas a estreitar a ampliação do crédito e conter o surto inflacionário que, do ambiente internacional, contaminava o Brasil. Visto por outro ângulo, o ciclo de alta de juros - rapidamente revertido em outro de baixa desde janeiro de 2009 - é um canal a mais de reação da política econômica que poderá surtir efeitos positivos para o consumo no futuro próximo.

Se o consumo das famílias tem reagido, embora de forma heterogênea, aos efeitos da crise, o cenário para os investimentos ainda não é suficientemente claro. No caso do Espírito Santo, alguns projetos foram cancelados ou postergados, na expectativa de que a conjuntura volte a ser favorável no médio e longo prazos. Mas, em particular, as vantagens logísticas e locacionais do Estado tem atraído um conjunto expressivo de projetos de investimento para a região.

Independentemente da manutenção do cenário muito favorável para os investimentos no longo prazo, alguns fatores poderão atenuar os efeitos da crise já no curto prazo.

² Ver IJSN (2008) - Evolução Recente dos Índices de Preços e Possíveis Reflexos para o Espírito Santo.

Em primeiro lugar, o ciclo do petróleo e gás no Estado é relativamente recente e conta com um player importante no foco das decisões de investimento: a Petrobras. Tanto por visão estratégica quanto pelo seu papel de agente público, a Petrobras tem atuado de forma anticíclica no momento da crise e já reforçou a carteira de projetos para o Espírito Santo.

Em segundo lugar, a construção civil vinha de uma velocidade crescente de lançamentos no Estado, especialmente no segmento residencial e no comercial, responsáveis por 60% dos empregos gerados no setor. Neste caso, o ciclo de maturação dos projetos é relativamente longo - três anos, em média, o que sustenta o nível de atividades por algum tempo e também contribui para atenuar a conjuntura adversa. Prova disso é o desempenho do consumo aparente de cimento no Espírito Santo. Na média de janeiro a novembro de 2008, a expansão registrada foi de 30%, depois de ter crescido 50% em 2007. Somente no bimestre outubro-novembro de 2008 contra o mesmo período do ano anterior, o crescimento registrado foi de 37%.

Em terceiro lugar estão os investimentos públicos. A carteira destinada ao Estado do Plano de Aceleração do Crescimento do governo federal - PAC - está concentrada em energia e em habitação/saneamento. Neste caso, há uma grande convergência com as ações da Petrobras, já comentadas. Mas devem ser dignos de nota aspectos da política fiscal empreendida pelo governo do Estado.

Em 2003, o governo estadual realizou um importante ajuste e alterou o desenho da sua política fiscal. Desde então, com as contas saneadas, o governo tem colhido subsequentes superávits orçamentários, resultado da contenção das despesas correntes e da forte expansão da receitas próprias, por sua vez decorrente de maior eficiência da arrecadação e do ciclo de prosperidade.

O governo local, portanto, construiu um espaço, a partir do modelo fiscal adotado, para manter e até intensificar sua atuação na economia por meio de investimentos com recursos próprios. Poupança na prosperidade para investir na adversidade, e este poderá ser outro importante atenuante para os efeitos da crise, embora as atribuições definidas pela Constituição Federal para os governos subnacionais sejam limitadas para enfrentá-la.

É importante frisar o aspecto da poupança fiscal e da contenção das despesas correntes, estas últimas a parte mais rígida dos orçamentos públicos. Isso porque a contração econômica também irá afetar as receitas dos entes públicos federal e subnacionais. Embora o agregado das receitas do Estado não tenha sofrido recuo até o final de 2008, a evolução de alguns tributos, a exemplo do IPVA, não deixa dúvida sobre os efeitos defasados que ainda irão se manifestar. Nesse contexto, despesas correntes contidas abrem espaço para investimentos em infraestrutura, os quais, por sua vez, agem de forma horizontal sobre a competitividade das empresas e aumentam o potencial de crescimento da economia no longo prazo. Reforçam, portanto, o caráter anticíclico do gasto governamental por meio do investimento.

Por fim, as dúvidas sobre a duração da crise financeira internacional ainda não se dissiparam. Isso significa que outros desdobramentos ainda poderão ocorrer. Os empresários capixabas, em particular, já consideram melhoria do cenário nos próximos seis meses. O momento requer monitoramento permanente e, simultaneamente, ações articuladas e focadas para mitigação dos seus efeitos.

Sobre o Espírito Santo, é possível propor uma síntese. A crise tem afetado a economia local de uma forma relativamente mais severa do que a média do País. Analogamente, uma vez superados os fatores contracionistas da crise, a reação local também poderá ser mais rápida. O Estado, ademais, conta com três importantes elementos anticíclicos: o ciclo de negócios do petróleo e gás; o nível de investimentos em curso; e a capacidade fiscal do governo local.

Para os segmentos exportadores, ganha importância acompanhar a reação da economia chinesa, de onde vem a melhor promessa para impulsionar a recuperação da economia mundial.

Instituto Jones dos Santos Neves

Coordenação Geral

Ana Paula Vitali Janes Vescovi
Diretora-presidente

Coordenação de Estudos Econômicos

Matheus Albergaria de Magalhães

Equipe Técnica

Anna Claudia Aquino dos Santos Pela
Jussara Maria Chiappane
Roberto Paula de Freitas Campos
Ronaldo José Menezes Vincenzi
Victor Nunes Toscano

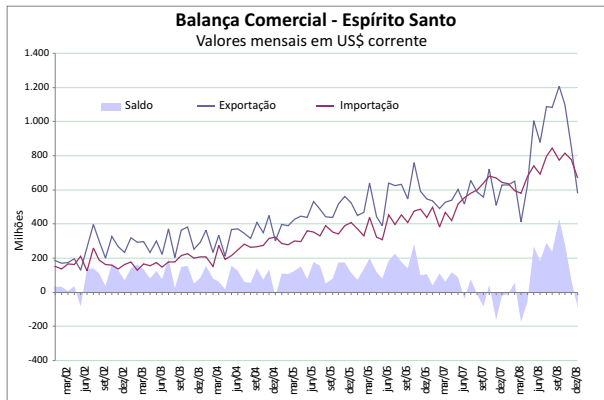
Editoração

João Vitor André

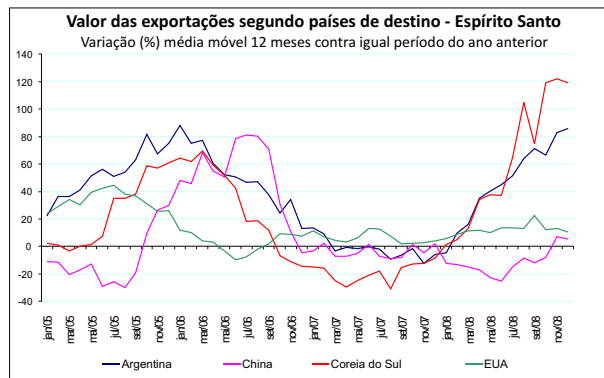
Índice

Comércio Exterior	7
Produção Industrial	8
Mercado de Trabalho	9
Consumo e Investimentos	11
Preços	13
Política Monetária e Creditícia	14
Finanças Estaduais	15
Expectativas	16

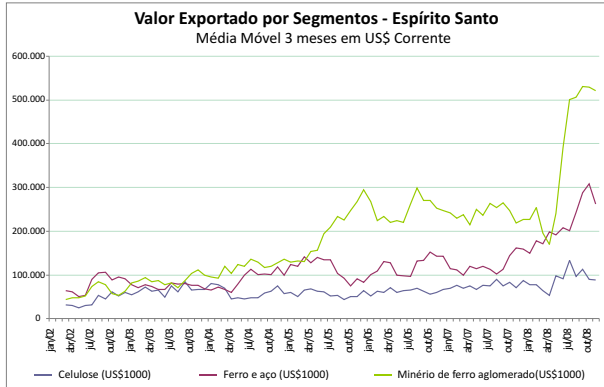
COMÉRCIO EXTERIOR



Fonte: MDIC/Alice Web
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos



Fonte: MDIC/Alice Web
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos



Fonte: MDIC/Alice Web
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos

Mesmo com a crise mundial se acentuando a partir de setembro de 2008, a balança comercial do Estado apresentou um superávit de US\$ 267,7 milhões no último trimestre do ano, com as exportações crescendo 36% e as importações 13,6%, em relação ao mesmo período de 2007. No acumulado do ano, houve um superávit de US\$ 1,5 bilhões, com as exportações (+47%) também crescendo mais que as importações (+29,6%).

Na mesma base de comparação, o volume exportado pelo Estado no quarto trimestre de 2008 apresentou um decréscimo de 14% em relação ao mesmo período de 2007. No acumulado do ano, a queda foi bem menor, cerca de -3,5%. A quantidade importada pelo Estado apresentou resultado positivo, tanto no quarto trimestre de 2008 (+13,7%), quanto no acumulado do ano (+11,5%).

Dentre os principais destinos das exportações capixabas destacaram-se, no último trimestre de 2008, o crescimento de 143,4% no valor das exportações para a Coreia do Sul e um decréscimo de 17,5% nas vendas para os EUA (em relação ao mesmo período de 2007). No acumulado em 2008, foram observadas diminuições no crescimento do valor exportado para a China (+5%) e para os EUA (+10%).

Observando-se os principais produtos da pauta de exportações no quarto trimestre de 2008, as vendas externas de celulose retraíram -12,6%, e as exportações de *pellets*³ apresentaram alta de +80,8%, em relação ao mesmo período do ano anterior. No ano de 2008, o menor crescimento coube às exportações de celulose (+12%), enquanto os demais setores apresentaram acréscimos importantes (café em grãos, +72,8%; ferro/aço, +72% e *pellets*, +58%). No quarto trimestre, com exceção do café em grãos, o aumento do valor exportado das citadas *commodities* se deu em função do aumento de seus preços, haja vista o declínio nas quantidades.

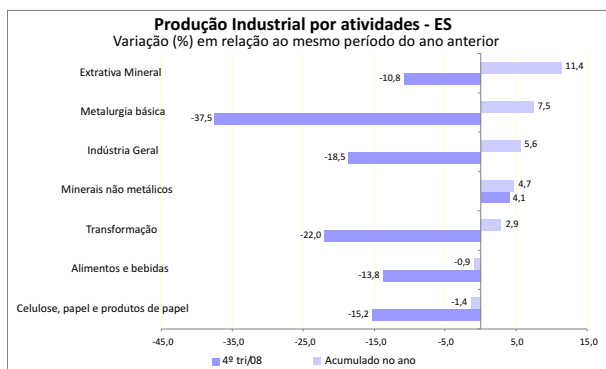
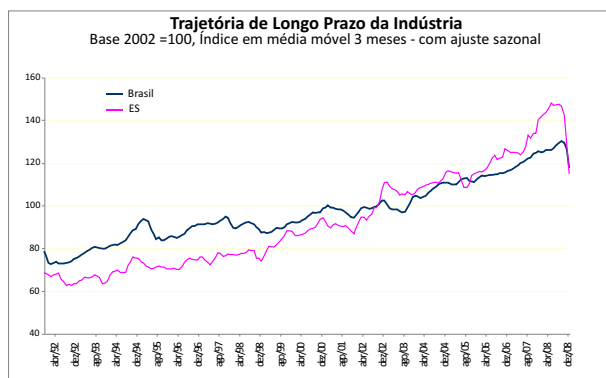
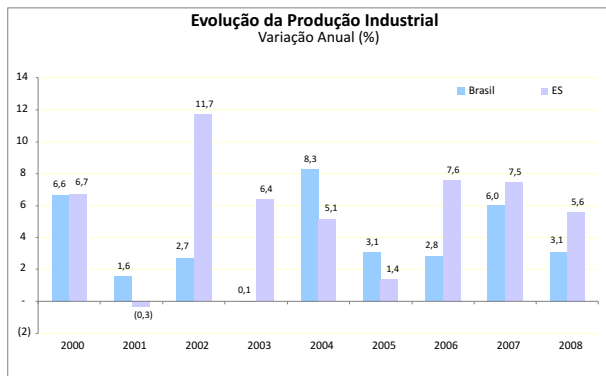
Exportações do Espírito Santo segundo segmentos - IV Trimestre/ 2008

	out -dez 2007		out-dez 2008		Variação (%) do valor (2008/2007)	Variação (%) dos preços (2008/2007)	Variação (%) da quantidade (2008 /2007)
	US\$ 1000	%	US\$ 1000	%			
Café em grãos	103.231	5,55	146.949	5,81	42,35	-1,12	43,96
Celulose	260.314	14,00	227.519	8,99	-12,60	8,25	-19,26
Ferro/aço	480.180	25,82	542.450	21,43	12,97	83,68	-38,50
M. de ferro aglomerados	682.663	36,70	1.234.092	48,75	80,78	97,86	-8,63
Subtotal	1.526.388	82,07	2.151.010	84,97	40,92	59,71	-11,76
Total	1.859.918	100,00	2.531.352	100,00	36,10	58,26	-14,00

Fonte: MDIC/Alice Web
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos

³ Minérios de ferro aglomerados.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL



A produção industrial capixaba, impactada pelos efeitos da crise econômica mundial, fechou o ano de 2008 com crescimento de +5,6% em relação ao ano de 2007, alcançando média superior à brasileira (+3,1%) e a 3ª posição no *ranking* nacional. A Pesquisa Industrial Mensal abrange cinco setores da indústria capixaba com representatividade na estrutura produtiva nacional. A média de crescimento obtida em 2008 (5,6%) foi a menor desde 2005.

No último trimestre do ano, houve uma redução substancial na demanda pelas principais *commodities* produzidas no Estado, especialmente minérios de ferro e aço. Para se adequar a esta queda brusca na demanda internacional e à retração no crédito, a indústria capixaba vem realizando manutenção preventiva, ajustes de estoque, redução de custos e revisão de contratos, o que repercutiu no desempenho local. Neste contexto, o 4º trimestre registrou recuo de -21,7% frente ao trimestre anterior, após ajuste sazonal, o que deixa um carregamento estatístico⁴ negativo para 2009.

Na comparação entre iguais períodos de 2008 e 2007, a queda na atividade fabril fica ainda mais evidente, especialmente na passagem do terceiro (+12,4%) para o quarto trimestre do ano (-18,5%), período em que houve o maior recuo da série histórica. O desempenho no último trimestre refletiu a queda acentuada na produção da Indústria de Transformação (-22%), especialmente da Metalurgia básica (-37,5%), Celulose, papel e produtos de papel (-15,2%) e, também, na Extrativa (-10,8%).

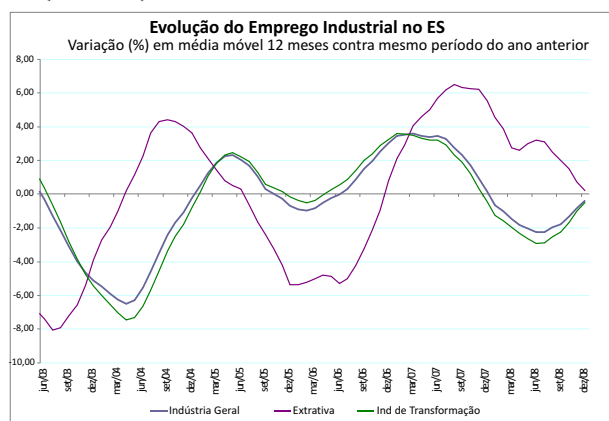
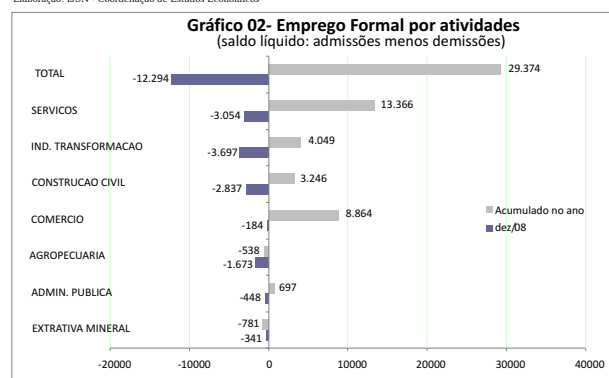
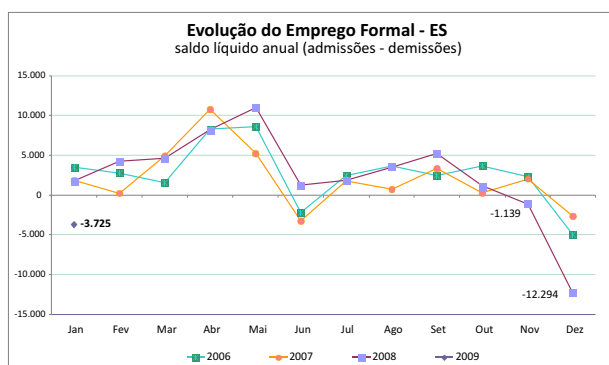
Produção Industrial (ES e Brasil) - Taxa de Crescimento (%)

Atividades	Com ajuste sazonal		Sem ajuste sazonal		
	dez08/nov08	4ºtri08/3º tri08	dez08/dez07	4ºtri08/4º tri07	12 meses
Brasil					
Indústria Geral	-12,4	-9,4	-14,5	-6,2	3,1
Extrativa Mineral	-11,8	-10,7	-21,3	-6,5	3,8
Transformação	-12,0	-9,1	-14,0	-6,2	3,1
Espírito Santo					
Indústria Geral	-7,9	-21,7	-29,6	-18,5	5,6
Extrativa Mineral	n.d.	n.d.	-42,6	-10,8	11,4
Transformação	n.d.	n.d.	-23,4	-22,0	2,9
Alimentos e bebidas	n.d.	n.d.	-7,7	-13,8	-0,9
Celulose, papel e produtos de papel	n.d.	n.d.	-2,9	-15,2	-1,4
Minerais não metálicos	n.d.	n.d.	-1,9	4,1	4,7
Metalurgia básica	n.d.	n.d.	-48,4	-37,5	7,5

Fonte: IBGE
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos

⁴ O carregamento estatístico negativo significa que, se o nível médio de produção do 4º trimestre de 2008 permanecesse constante ao longo de 2009, o desempenho da produção industrial do ano seria negativo.

MERCADO DE TRABALHO



Segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), o Espírito Santo encerrou o ano de 2008 com a geração de 29.374 postos de trabalho formais. Os efeitos da crise econômica tornaram-se contundentes somente no último mês do ano, quando o saldo entre admissões e demissões foi fortemente negativo, com perda de 12.294 vagas. O saldo líquido foi negativo em todos os setores, especialmente na Indústria de Transformação (-3.697), Serviços (-3.054) e Construção Civil (-2.837).

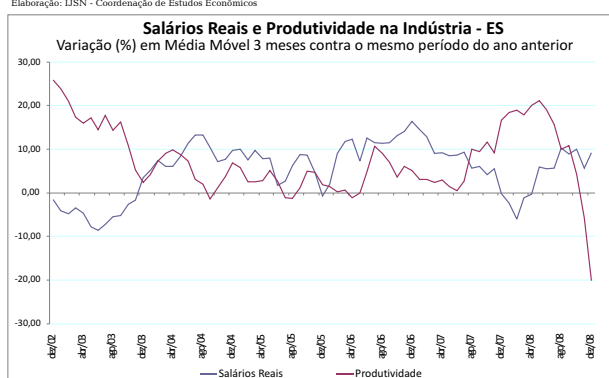
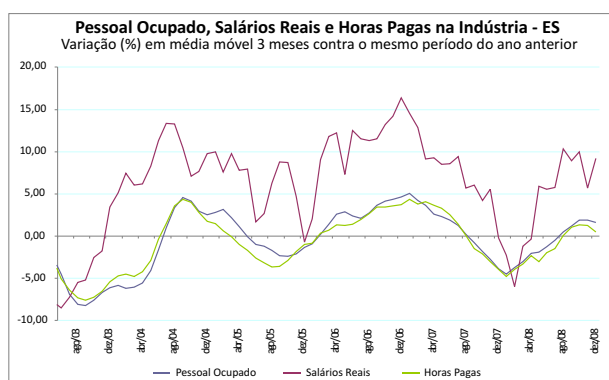
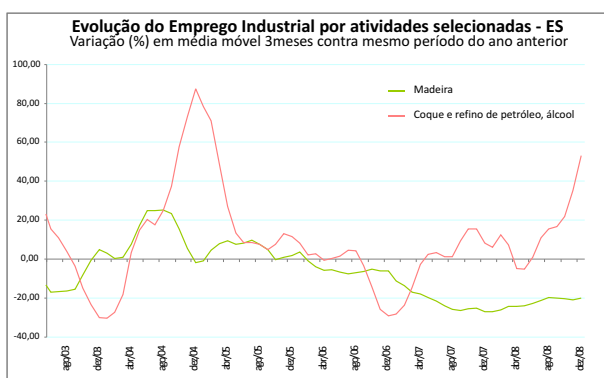
O ritmo de geração de novos postos de trabalho caiu de uma média mensal de 3.500 postos nos 12 meses encerrados em novembro, para 2.500 no fechamento do ano. Ainda assim, o CAGED contabiliza 610.281 trabalhadores com carteira assinada no Estado, o que representa uma elevação de 5,06% no estoque de assalariados em relação ao ano anterior.

O resultado da Pesquisa Industrial Mensal de Empregos e Salário - PIMES - se diferencia daquele evidenciado pelo CAGED. Em um contexto de queda acentuada da produção industrial no Espírito Santo, o emprego na indústria capixaba manteve-se em crescimento no último trimestre do ano, ao avançar frente ao trimestre anterior. No fechamento do ano de 2008, porém, houve ligeira queda no pessoal ocupado em relação a 2007 (-0,4%), com crescimento de +0,2% do emprego na indústria extrativa e queda de -0,5% na indústria de transformação.

Evolução do Emprego por Setor de Atividade Econômica - ES

Setores	dez-07	dez-08	Acumulado/07	Acumulado/08
Extrativa Mineral	-15	-341	703	-781
Ind. Transformação	-1.238	-3.697	1.941	4.049
Serv. Ind. Útil. Pub.	-114	-60	430	471
Construção Civil	-1.054	-2.837	1.276	3.246
Comércio	1.607	-184	9.950	8.864
Serviços	-31	-3.054	13.063	13.366
Admin. Pública	-1.481	-448	-843	697
Agropecuária	-355	-1.673	-1.446	-538
Total	-2.681	-12.294	25.074	29.374

Fonte: MTE/CAGED/Lei 4.923/65
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos



No último trimestre do ano, frente ao mesmo período de 2007, destaca-se o desempenho do segmento *Coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool* (+53,2%), impulsionado por contratação significativa efetuada por uma importante planta local do ramo sucroalcooleiro. A principal contribuição negativa veio do segmento *Madeira* (-20,1%), impactado desde meados de 2007 por dificuldades atreladas à demanda externa, as quais também exerceram influência sobre a ocupação na indústria de vestuário (-9,1%).

A desaceleração no número de horas pagas no último trimestre para +0,5%, acima daquela verificada no pessoal ocupado na indústria, sinaliza possíveis reduções na jornada de trabalho. Em contrapartida, os salários reais contabilizaram crescimento de +9,2%, em relação ao quarto trimestre de 2007.

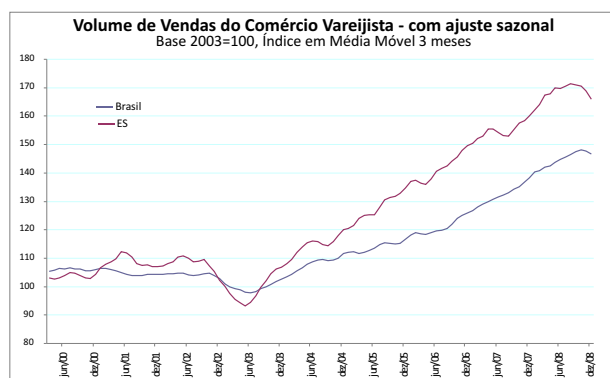
A população ocupada em alta na comparação do quarto trimestre de 2008 com o mesmo trimestre de 2007, implicou queda acentuada na produtividade industrial (-20%). A tendência à frente pode ser descrita por possível redução do valor do salário real, o que, por sua vez, poderá contribuir para reativar contratações no futuro.

Pessoal Ocupado Assalariado na Indústria por segmentos - ES - dezembro/08

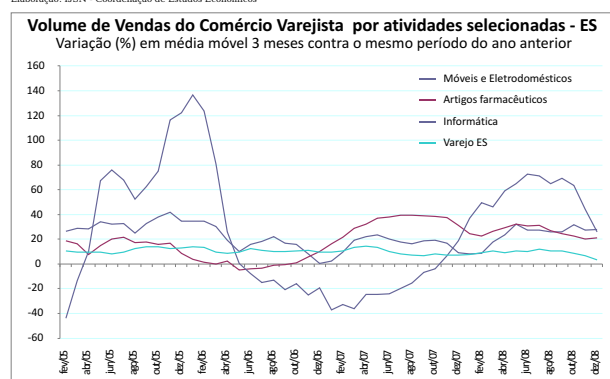
Seções e Divisões	Mensal*	Acumulado 3 meses	Acumulado no ano
Indústria geral	0,7	1,6	-0,4
Coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool	70,1	53,2	17,8
Metalurgia básica	10,2	10,1	6,7
Produtos de metal, exclusive máquinas e equipamentos	6,6	8,8	6,4
Alimentos e Bebidas	10,0	9,8	6,3
Borracha e plástico	6,8	8,9	5,0
Têxtil	-1,6	1,7	4,4
Papel e gráfica	1,1	3,6	2,8
Calçados e couro	-2,6	4,0	1,0
Produtos químicos	-8,9	-6,3	0,5
Indústrias extrativas	-5,2	-3,7	0,2
Indústria de transformação	1,5	2,3	-0,5
Fabricação de meios de transporte	-19,3	-14,9	-1,8
Máquinas e aparelhos elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações	-6,3	-1,1	-2,0
Fabricação de outros produtos da indústria de transformação	-11,0	-6,6	-2,0
Máquinas e equipamentos, exclusive elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações	14,9	14,7	-2,1
Minerais não-metálicos	-0,8	1,3	-3,5
Vestuário	-8,0	-9,1	-7,2
Madeira	-18,6	-20,1	-21,9

Fonte: IBGE
 Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos
 *Mesmo mês em relação ao ano anterior

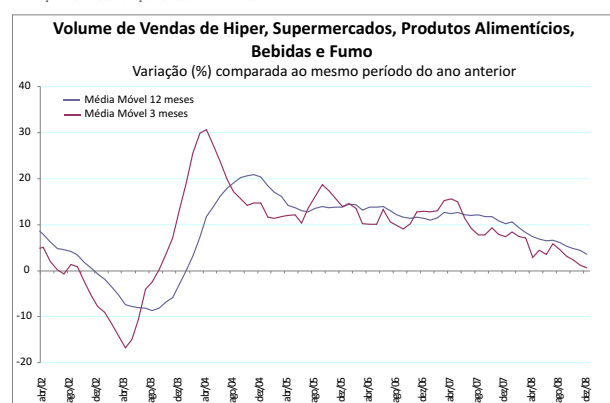
CONSUMO E INVESTIMENTOS



Fonte: IBGE
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos



Fonte: IBGE
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos



Fonte: IBGE
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos

O comércio varejista sustentou expansão de 8,4% em 2008. O resultado, embora robusto, oculta assimetrias no desempenho por segmentos e na trajetória descrita ao longo do ano. Somente no quarto trimestre, comparativamente ao terceiro, após ajuste sazonal, as vendas sofreram contração de -2,9%, revelando os efeitos da crise econômica internacional. A contração observada no final de 2008 ainda é menos intensa à de 2002/2003, quando a inflação brasileira alcançou patamar de dois dígitos.

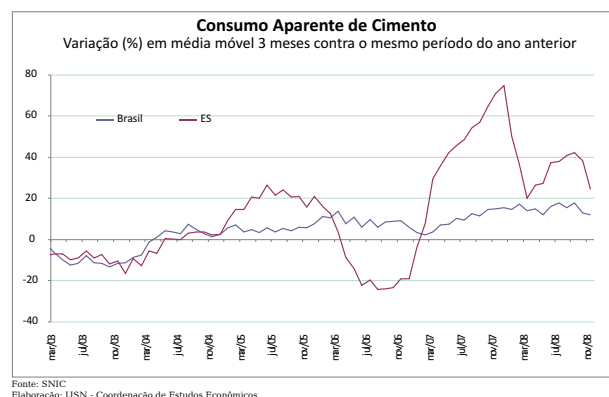
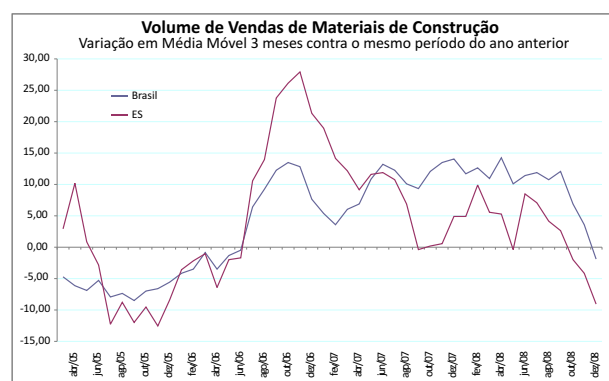
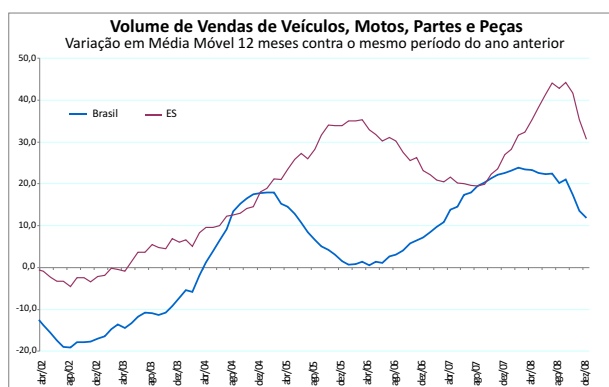
Entre os segmentos do varejo, *Móveis e eletrodomésticos, Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, Livros, jornais, revistas e papelaria*, obtiveram desempenho acima da média. Neste caso, a sustentação das vendas veio de promoções, estratégias de redução de estoques e antecipação de compras diante de expectativas de majoração de preços à frente.

Os segmentos de bens semi e não duráveis, como *Hipermercados e Supermercados, Tecidos, Vestuário e Calçados e Outros artigos de uso pessoal e doméstico*, tiveram suas vendas contidas pelas pressões inflacionárias no primeiro período do ano e, também, pelo impacto da desvalorização cambial sobre preços e custos domésticos no final do ano. Neste contexto, as vendas de hipermercados, supermercados e produtos alimentícios registraram crescimento modesto no quarto trimestre de 2008 (+0,6%) e fecharam o ano com alta de 3,5%, ambos em relação aos mesmos períodos do ano anterior.

Variação no Volume de Vendas do Comércio Varejista Ampliado do ES - dezembro/2008

Atividade	Mensal*	4º trim/08*	Acumulado no ano
Combustíveis e lubrificantes	7,0	9,7	10,5
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-2,6	0,6	3,5
Hipermercados e supermercados	-2,8	0,4	3,1
Tecidos, vestuário e calçados	-2,8	-1,1	13,8
Móveis e eletrodomésticos	17,3	20,2	25,4
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosmético	24,8	21,7	25,9
Livros, jornais, revistas e papelaria	13,5	12,5	16,5
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	27,6	18,7	49,8
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-19,7	-10,6	5,0
Varejo - Espírito Santo	-0,3	3,2	8,4
Varejo - Brasil	3,9	6,0	9,1
Veículos, motocicletas, partes e peças	-3,3	-0,5	30,7
Material de construção	-7,4	-9,0	1,6
Varejo Ampliado - Espírito Santo	-1,6	1,2	17,2
Varejo Ampliado - Brasil	1,3	0,3	9,9

Fonte: IBGE
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos
*Base: igual período do ano anterior



O comércio de bens duráveis de maior valor foi o que mais percebeu a inflexão das vendas entre o terceiro e o quarto trimestres de 2008. A contração mais brusca foi sentida pelo varejo de veículos que, após alta de 44,2% até o terceiro trimestre comparativamente ao mesmo período do ano anterior, registrou variação negativa de -0,5% no quarto trimestre.

Em especial, o mercado de veículos foi afetado pela contração do crédito e pela queda de confiança em um contexto de crise. Medidas de estímulo foram adotadas pelo governo federal, como a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para veículos e do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF). Ainda assim, as vendas de veículos novos no Estado sustentaram crescimento de 17,2% no ano de 2008, em relação ao ano anterior, totalizando 115.880 unidades. Destaca-se o crescimento nas vendas de motos (+28,6%), que superaram as de automóveis de passeio (+7,7%), conforme levantamento da Federação Nacional de Distribuição de Veículos Automotores (FENABRAVE).

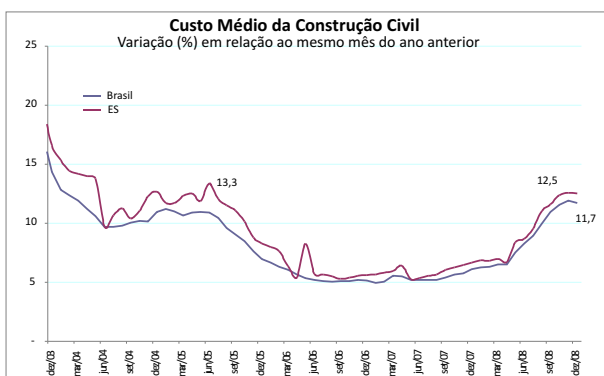
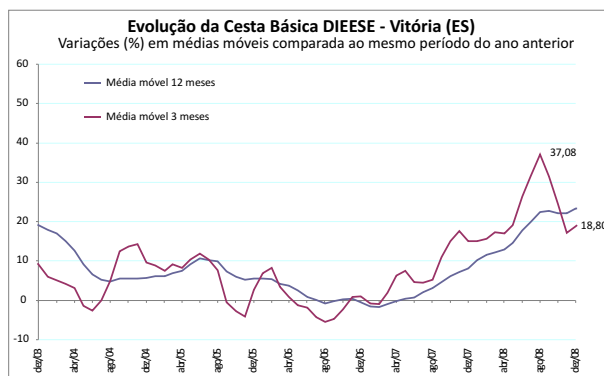
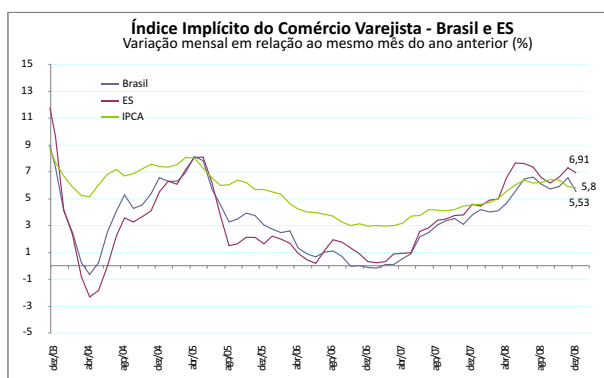
No caso do varejo de *Materiais de Construção*, cujas vendas são acionadas, em grande medida, pelos projetos de reforma, o declínio nas vendas no 4º trimestre foi de -9% ante o mesmo período de 2007. Até o terceiro trimestre do ano, o segmento acumulava alta de 5,4%.

O consumo aparente de cimento é uma *proxy* para o investimento em construção civil e, por conta disso, se refere a um contexto mais amplo que o do varejo. Em 2007, o crescimento foi de 51,1% em relação ao ano anterior e, até o terceiro trimestre de 2008, acumulava alta de 33,4%. No trimestre setembro - novembro e nos últimos 12 meses encerrados em novembro, contudo, já se observava desaceleração, com a variação se reduzindo para 24,5% e 29,8%, para cada um desses períodos respectivamente.

Vendas de Veículos no Varejo por segmentos - ES e Brasil

Segmento	4º trim/07	4º trim/08	Variação %	Acumulado 2007	Acumulado 2008	Variação %
Autos (a)	12.699	10.892	-14,23	45.240	48.713	7,68
Comerciais leves (b)	2.875	2.792	-2,89	9.835	11.500	16,93
Soma (a+b)	15.574	13.684	-12,14	55.075	60.213	9,33
Caminhões	1.019	1.041	2,16	3.692	4.350	17,82
Ônibus	128	191	49,22	631	579	-8,24
Motos	12.022	11.234	-6,55	39.452	50.738	28,61
TOTAL ES	28.743	26.150	-9,02	98.850	115.880	17,23
TOTAL BRASIL	1.222.939	1.042.962	-14,72	4.209.881	4.800.894	14,04

Fonte: FENABRAVE
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos



A variação do índice implícito do comércio varejista⁵ no ano de 2008 vem acompanhando a aceleração inflacionária ocorrida desde meados de 2007. Esta aceleração se intensificou no início do ano de 2008 devido ao comportamento dos preços dos alimentos. No último trimestre, o cenário de crise internacional reverteu as causas da alta de preços observada até agosto, e o índice registrou variação de +6,94%. A desvalorização cambial de +28% no período passou a exercer pressões sobre os preços domésticos, sendo compensada, em alguma medida, pela queda dos preços internacionais.

Apesar de mais volátil, a medida do indicador implícito capixaba também acompanha a tendência da inflação descrita pelo IPCA, o qual alcançou variação de +5,78% na média de 2008 em relação ano anterior.

A alta dos preços dos alimentos refletiu diretamente nos itens componentes da cesta básica em Vitória, de janeiro a agosto de 2008, o qual registrou elevação de +37,08% na média trimestral. Após setembro, o cenário adverso foi preponderante na desaceleração do preço médio da cesta básica. Em dezembro, o indicador apresentou estabilidade (+0,61%) em relação ao mês anterior. Contribuíram para a estabilidade, a redução dos preços do óleo (-9%), do feijão (-14,08%), do leite (-2,96%) e da carne (-2,75%), os quais possuem grande peso no orçamento familiar. Ao comparar os dados do ano de 2008 em relação a 2007, a elevação dos preços ainda foi intensa, com variação de 23,3%.

O Índice Nacional de Preços da Construção Civil, por sua vez, registrou crescimento de 9,55% em relação ao ano anterior, resultado de uma aceleração dos custos ao longo do ano. Em dezembro de 2008, comparativamente a dezembro de 2007, a alta acumulada foi de 12,57%. Entre os estados da Região Sudeste, o Espírito Santo continua apresentando o menor custo médio por metro quadrado, mas registra a maior variação no indicador acumulado do ano, superior à média da região (11,66%).

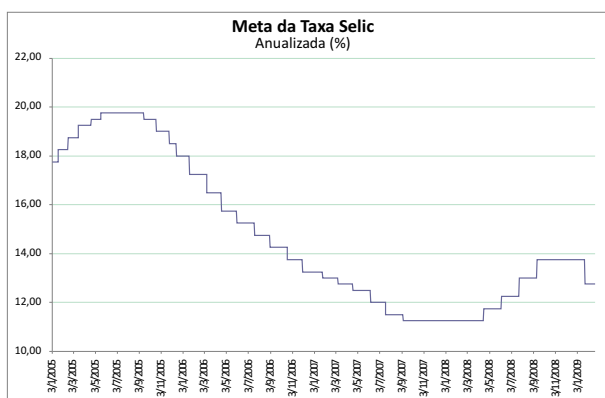
Indicadores de preços - Espírito Santo

	Acumulado no ano dez/08 - dez/07	4º tri 08/ 4º tri 07	Média 2008/2007
Cesta Básica - Vitória	20,07%	20,81%	23,34%
Custo médio na Construção Civil	12,57%	12,48%	9,55%
Índice Implícito do Comércio Varejista	7,31%	6,94%	6,44%
IPCA	5,90%	6,04%	5,78%

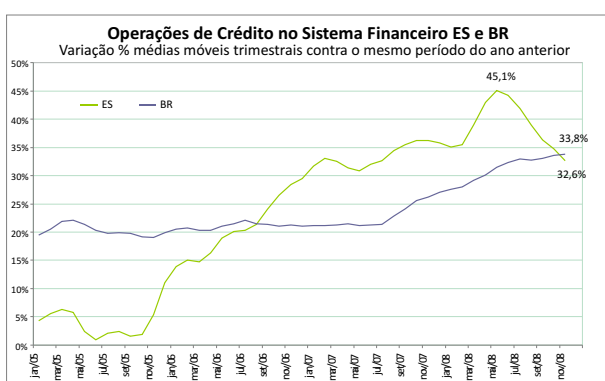
Fonte: IBGE e Dieese
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos

⁵ O Índice de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA - ainda não é calculado para o Espírito Santo. O IJSN utiliza o índice de preço implícito do comércio varejista como proxy dos preços ao consumidor, calculado com base na razão entre os índices de receita nominal e volume de vendas da Pesquisa Mensal do Comércio - PMC, do IBGE. Mesmo sendo uma opção, o índice não incorpora preços no setor de serviços, que entra com cerca de metade do peso na composição do IPCA.

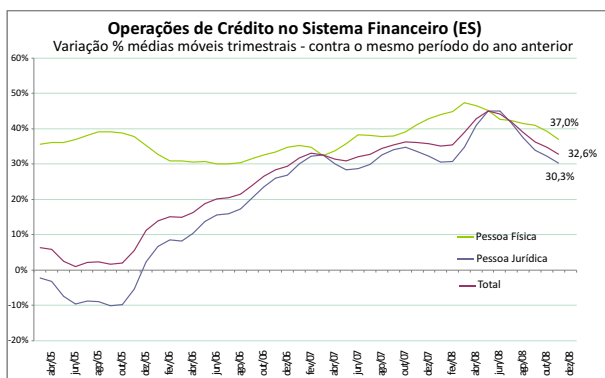
POLÍTICA MONETÁRIA E CREDITÍCIA



Fonte: Banco Central do Brasil
Elaboração: IJNSN - Coordenação de Estudos Econômicos



Fonte: Banco Central do Brasil
Elaboração: IJNSN - Coordenação de Estudos Econômicos



Fonte: Banco Central do Brasil
Elaboração: IJNSN - Coordenação de Estudos Econômicos

A preocupação com a aceleração dos preços da economia norteou a política monetária brasileira até setembro, traduzida na postura cautelosa do Comitê de Política Monetária - COPOM - com a fixação da taxa básica de juros - SELIC. De abril a agosto de 2008 o COPOM realizou um ciclo de altas na taxa SELIC. Adicionalmente, medidas fiscais, como o término da isenção do Imposto sobre Operações Financeiras - IOF - vigente até março de 2008, caminharam na direção da contração do crédito.

A partir de setembro, com os preços em desaceleração e com a contração brusca da atividade econômica, o Banco Central reverteu o sinal da política monetária, ao reduzir, por exemplo, o depósito compulsório. Desde então, a Autoridade Monetária e o governo federal vem imprimindo um amplo leque de ações para mitigar a escassez de crédito externo, e assegurar liquidez nas instituições financeiras locais. Em janeiro de 2009, por fim, reduziu a taxa Selic de 13,75% para 12,75% ao ano, sinalizando o início de um novo ciclo de baixa da taxa básica de juros da economia.

A desaceleração das operações de crédito no Espírito Santo a partir do início do ano foi, em um primeiro momento, reflexo da política monetária contracionista então praticada pelo Banco Central. Após setembro, a deterioração das expectativas e o aumento do risco associado aos eventos da crise internacional contribuíram para acentuar a retração já anteriormente observada. Após terem alcançado alta muito superior à média nacional (+45,1%), no trimestre encerrado em maio, as operações de crédito no Estado convergiram para variação de 32,6% na média do trimestre finalizado em novembro de 2008.

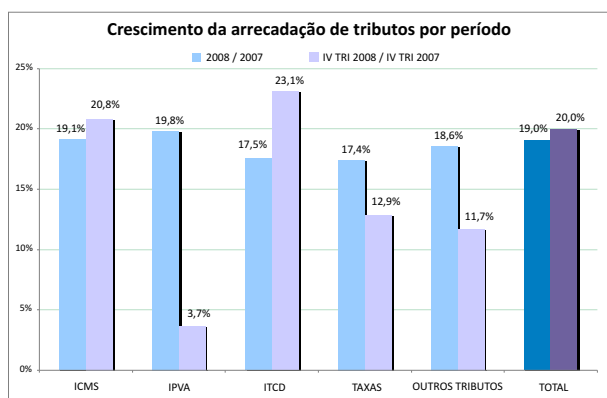
A retração nas operações de crédito afetou principalmente as pessoas jurídicas no Espírito Santo. Entre os meses de setembro e novembro, o estoque das operações de crédito cresceu 32,6%, com variação de 37,0% para pessoas jurídicas e 30,3% para pessoas físicas. No Estado, o volume de operações de crédito para pessoas físicas (36%) é relativamente maior que a média brasileira (33%).

Operações de Crédito e Política Monetária - Janeiro a Novembro de 2008

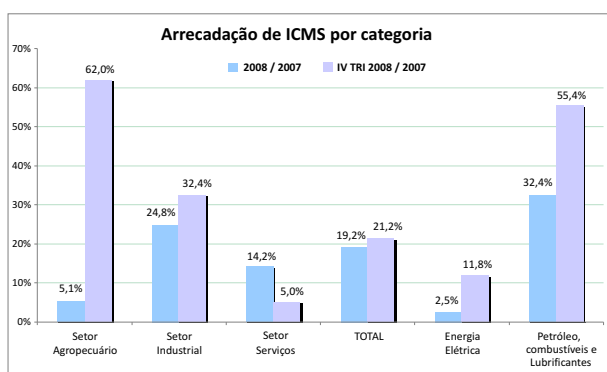
		Valor R\$ mil	Participação (%)	nov08 / nov07	Variação média trimestral	Média Acum. no ano
BR	pessoa jurídica	7.025.566	67%	36,8%	37,2%	32,6%
	pessoa física	3.536.526	33%	24,6%	27,4%	30,7%
	total	10.562.092	100%	32,7%	33,8%	31,9%
ES	pessoa jurídica	130.667	64%	27,8%	30,3%	36,2%
	pessoa física	72.344	36%	33,7%	37,0%	41,7%
	total	203.011	100%	29,9%	32,6%	38,0%

Fonte: Banco Central do Brasil
Elaboração: IJNSN - Coordenação de Estudos Econômicos

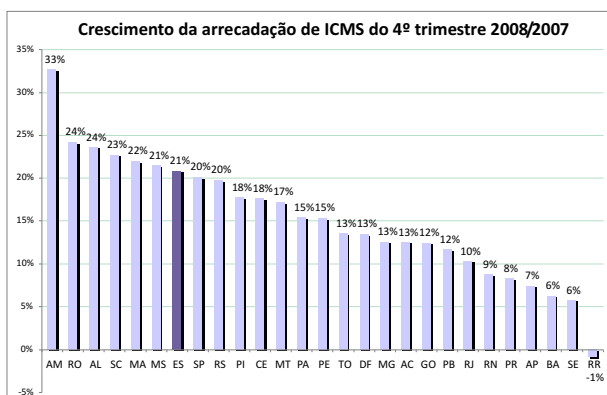
FINANÇAS ESTADUAIS



Fonte: COTEPE/Ministério da Fazenda.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.



Fonte: COTEPE/Ministério da Fazenda.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.



Fonte: COTEPE/Ministério da Fazenda.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Os efeitos da crise não foram percebidos sobre o agregado da arrecadação do Estado até o final de 2008. Há, contudo, uma evidente queda da arrecadação de IPVA no quarto trimestre, observado por meio do crescimento tímido e destoante do desempenho dos demais tributos.

A queda na arrecadação do IPVA pode ser decorrência da brusca desaceleração nas vendas de veículos novos. Como a retração na venda de autoveículos não foi fato isolado na atual conjuntura, isso pode sinalizar que outros efeitos adversos ainda ocorrerão para o conjunto dos tributos estaduais.

Ainda assim, a arrecadação de ICMS, proveniente do comércio de petróleo, combustíveis e lubrificantes cresceu significativamente. No período, o crescimento da demanda por combustíveis foi derivado do aumento da frota verificado em maior intensidade até meados de 2008. A exceção coube ao setor de serviços, provavelmente em decorrência dos impactos da crise, como por exemplo, a queda da arrecadação oriunda dos serviços portuários (queda da quantidade exportada) e das vendas a varejo no último trimestre de 2008.

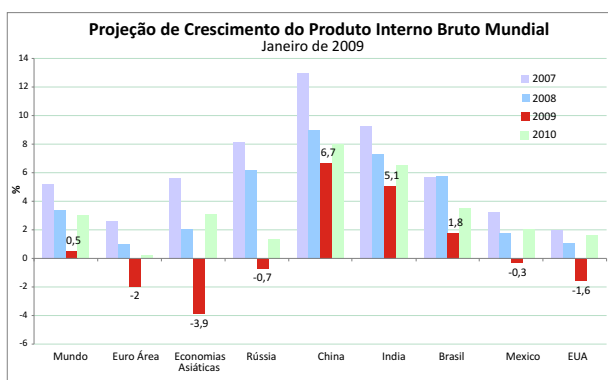
O Espírito Santo sustentou desempenho acima da média dos estados da federação no crescimento da arrecadação de ICMS, tanto no 4º trimestre de 2008 em relação ao 4º trimestre de 2007, quanto na média de 2008. Obteve a maior taxa de crescimento quando comparado aos vizinhos da região Sudeste.

Arrecadação Tributária do Estado do Espírito Santo

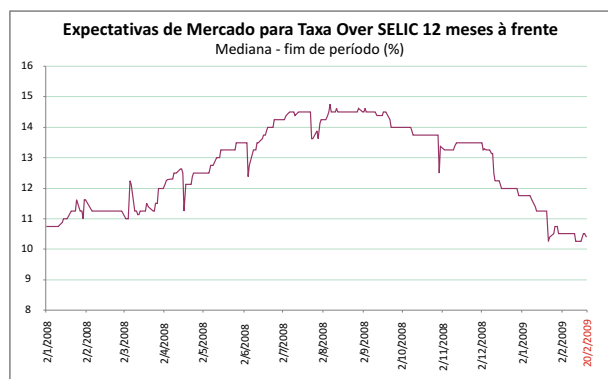
Arrecadação Total	(R\$ mil)				(%)		(Pontos percentuais)
	IV Trimestre 2007	2007	IV Trimestre 2008	2008	Variação Trimestral	Variação Anual	Contribuição Relativa
ICMS	1.620.876	5.878.468	1.958.228	7.001.267	20,8%	19,1%	16,7
Setor Agropecuário	1.977	11.130	3.202	11.701	62,0%	5,1%	0,0
Setor Industrial	531.408	1.936.777	703.634	2.417.519	32,4%	24,8%	7,1
Setor Serviços	736.695	2.569.623	773.694	2.934.879	5,0%	14,2%	5,4
ICMS - Energia Elétrica	122.518	504.018	136.966	516.725	11,8%	2,5%	0,2
ICMS - Petróleo, comb. e lubrif.	207.904	782.283	322.994	1.035.520	55,4%	32,4%	3,8
IPVA	14.506	207.182	15.043	248.209	3,7%	19,8%	0,6
ITCD	3.747	13.996	4.613	16.449	23,1%	17,5%	0,0
TAXAS	62.912	204.705	71.001	240.351	12,9%	17,4%	0,5
OUTROS TRIBUTOS	81.166	425.882	90.655	505.009	11,7%	18,6%	1,2
TOTAL	1.783.207	6.730.233	2.139.540	8.011.285	20,0%	19,0%	19,0

Fonte: COTEPE/Ministério da Fazenda.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

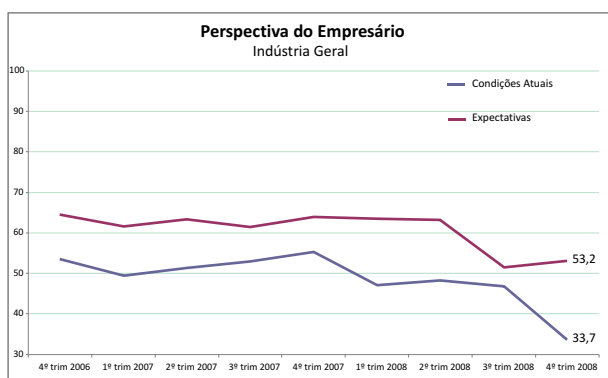
EXPECTATIVAS



Fonte: FMI
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.



Fonte: BCB
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.



Fonte: IEL-ES
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

As projeções calculadas pelo FMI apontam deterioração da conjuntura para o ano de 2009, as quais preveem estagnação do produto mundial e queda do produto na Ásia (-3,9%) e na Comunidade Europeia (-2%). Entre as economias emergentes a contração ocorre em menor escala, a exemplo da China (6,7%), da Índia (5,1%) e do Brasil (1,8%). Para os Estados Unidos, a projeção aponta uma redução de -1,6% do produto em 2009. Por outro lado, as projeções para 2010 sugerem a recuperação da economia mundial.

No âmbito nacional, as expectativas do mercado divulgadas pelo Relatório de Mercado do Banco Central, no final do ano passado, indicavam para o curto prazo, a ausência de mudanças significativas nas variáveis macroeconômicas. Inflação e câmbio, com excessão do Índice Geral de Preços de Mercado - IGP-M, permaneciam com expectativa de alta para janeiro e a taxa de juros, continuava há cinco semanas com tendência de queda. Mais recentemente, contudo, o relatório apresentou uma reversão nas expectativas, apontando queda no IPCA e no IGP-DI e alta no IGP-M. Simultaneamente, a projeção de queda na taxa de juros SELIC se mantém há onze semanas e para a economia real - PIB e produção industrial - parou de deteriorar-se.

Para o Espírito Santo, as expectativas do setor industrial divulgadas pelo Instituto Euvaldo Lodi (IEL-ES), mostram que o índice de percepção do empresariado em relação às condições atuais da economia retraiu -24,2% no quarto trimestre de 2008. Esta postura é percebida no setor industrial de todos os portes, sendo que, para as pequenas empresas, as condições são um pouco mais desfavoráveis, com queda de -25,6% no indicador. Entretanto, as expectativas para os próximos seis meses é otimista, o que refletiu em alta de +9,3% do indicador para indústria geral capixaba e de +23% para as pequenas empresas.

Expectativas do mercado* - 13 de fevereiro 2009

Mediana	2009				2010			
	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento semanal*	Há 4 semanas	Há 1 semana	Hoje	Comportamento semanal*
Top 5								
IPCA (%)	4,8	4,7	4,7	↓ (1)	4,5	4,5	4,5	= (37)
IGP-DI (%)	4,9	4,6	4,6	↓ (1)	4,5	4,5	4,5	= (38)
IGP-M (%)	4,8	4,2	4,3	↑ (1)	4,5	4,5	4,5	= (39)
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	2,3	2,3	2,3	= (5)	2,3	2,3	2,3	↓ (1)
Meta Taxa Selic - fim de período (% a.a.)	11,3	10,8	10,5	↓ (1)	11,0	10,5	10,5	= (2)
Outros								
PIB (% de crescimento)	2,0	1,7	1,5	↓ (3)	3,9	3,8	3,6	↓ (1)
Produção Industrial (% de crescimento)	2,2	1,5	1,5	= (1)	4,3	4,1	4,0	↓ (1)
IPC-Fipe (%)	4,5	4,5	4,5	↓ (1)	4,5	4,5	4,5	= (28)
Taxa de câmbio - média do período (R\$/US\$)	2,3	2,3	2,3	= (1)	2,2	2,2	2,3	↑ (1)
Meta Taxa Selic - média do período (% a.a.)	11,8	11,2	11,1	↓ (11)	11,4	10,8	10,8	= (1)
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	36,8	36,1	36,2	↑ (1)	35,3	35,1	35,3	↑ (1)
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-25,0	-25,0	-25,0	= (7)	-29,6	-30,0	-27,0	↑ (1)
Balança Comercial (US\$ bilhões)	14,5	14,0	14,0	= (2)	13,0	14,0	13,9	↓ (1)
Invest. Estrangeiro Direto (US\$ bilhões)	23,0	22,5	23,0	↑ (1)	25,0	25,0	25,0	= (12)
Preços Administrados (%)	5,1	5,0	4,9	↓ (1)	4,5	4,5	4,5	= (37)

Fonte: Relatório de Mercado - Banco Central do Brasil

Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

* comportamento dos indicadores desde o último Relatório de Mercado; os valores entre parênteses expressam o número de semanas em que vem ocorrendo o último comportamento

(↑ aumento, ↓ diminuição ou = estabilidade)